

1. ANDRÉ GIDE (1869 – 1951)



Foi em Paris, a 22 de novembro de 1869, que nasceu André Gide, na rua Médicis, nº 19, não longe da faculdade de direito onde seu pai, Paul Gide, ia ocupar a cadeira de direito romano.

O grande escritor tinha ascendência meio normanda, meio meridional.

Foi em 1891 que publicou, sem nome do autor, *Les Cahiers d'André Walter, œuvre posthume* [Os cadernos de André Walter, obra póstuma]. Aliás, ele mandou destruí-los alguns dias depois. No mesmo ano, mandou editar *Le Traité du Narcisse* [O tratado de Narciso]; depois em 1892, as *Poésie d'André Walter* [Poesias de André Walter]. *La Tentative Amoureuse* [A tentativa amorosa], em 1893, chamou a atenção dos letrados para as obras repletas de ironia sutil desse jovem escritor.

Por essa época, André Gide começou as numerosas viagens que, ao longo de toda a sua vida, o levariam sucessivamente à África do Norte, à África Central e à Itália, país latino pelo qual teve imensa afeição; à então União Soviética também... É notória a retumbante publicação de *Retour de l'URSS* [Retorno da U.R.S.S.], que marca sua ruptura com o partido comunista.

Em 1893, André Gide publicava *Le Voyage d'Urien* [A viagem de Urien], depois Paludes, em 1895. *Les Nourritures Terrestres* [Os frutos da terra] são de 1897, enquanto

Le Prométhée mal enchaîné [O Prometeu mal acorrentado], conto psicológico, é de 1899. André Gide abriu o século com suas *Lettres à Angèle* [Cartas à Angèle]. Dois anos mais tarde era publicado *L'Immoraliste* [O Imoralista], que levou seus críticos a dizer que André Gide era, na literatura contemporânea, um dos mais ricos terrenos de contradições e discussões que seria possível encontrar.

A 1º de fevereiro de 1909, saiu o primeiro número de *La Nouvelle Revue Française*. Nessa edição aparecem algumas páginas de *La Porte étroite* [A porta estreita] que Gide havia retomado da *Revue de Paris* com a intenção de ajudar o jovem movimento nascente de que participavam Jean Schlumberger, Jacques Coupeau, André Ruyters.

Também em 1909, André Gide publicou *Le Retour de l'enfant prodigue* [A volta do filho pródigo], e suas obras se sucederam em seguida, quase a cada ano: *Isabelle* surge em 1911, *Nouveaux prétextes* [Novos pretextos] alguns meses mais tarde, *Souvenirs de la cour d'assises* [Lembranças da Vara Criminal], em 1913, *La Symphonie pastorale* [A sinfonia pastoral] em 1919, *Si le grain ne meurt* [Se o grão não morre], em 1921, *Souvenirs, Confessions* e *Corydon* [Lembranças, Confissões e Corydon], de 1911 a 1924, *Incidences* [Incidências], em 1924, *Les Faux-Monnayeurs* [Os moedeiros falsos], em 1925, *Voyage au Congo* [Viagem ao Congo], em 1928, *Retour au Tchad* [Volta ao Chade] e *L'École des femmes* [A escola das mulheres] em 1929.

Sabe-se que André Gide dedicou também várias obras ao teatro, destacadamente *Saül*, *Le Roi Candaule* e *Oedipe* [Saul, O rei Candaule e Édipo] ...

Seus estudos sobre Doïstoiévski, Oscar Wilde e suas traduções de Shakespeare, Conrad, Whittman, Tagore e Blake figuram entre as melhores jamais feitas desses autores.

André Gide, finalmente, exprimiu-se nessa obra capital que é seu *Diário*. Recebeu o Prêmio Nobel em 1947, e viria a falecer a 19 de fevereiro de 1951, em seu domicílio da rua Vaneau.

Fonte: *Diário dos Moedeiros Falsos*, Ed. Estação Liberdade, 2009, p. 7-9.

*

Escritor francês nascido a 22 de novembro de 1869, em Paris, e falecido a 19 de fevereiro de 1951, também na capital francesa.

André Gide foi criado no seio de uma família abastada e educado de uma forma muito puritana. Sentiu alguma dificuldade em ter sucesso nos estudos devido à sua saúde débil.

Contudo, desde cedo mostrou apetência para a Literatura e a Poesia e, com apenas vinte anos, começou a publicar textos, bastante puritanos, em revistas escolares. Com 22

anos, publica o seu primeiro livro, *Les Cahiers d'André Walter*, totalmente financiado por si, mas o qual não assinou. A obra, que havia começado a escrever aos 18 anos, não conheceu grande sucesso, mas atraiu a atenção de escritores como Marcel Schwob, Rémy de Gourmont, Maurice Barrés e Maurice Maeterlinck. Nesta altura, Gide era uma artista do Simbolismo, tendência que deixou em 1895, quando publicou *Paludes*.

Só a partir de 1897, quando editou *Nourritures Terrestres*, é que André Gide começou a ser encarado como um verdadeiro escritor. Nesta obra, defendeu a doutrina do hedonismo ativo, ou seja o prazer como bem supremo. Desde então, o autor dedicou-se a examinar os problemas da liberdade individual e da responsabilidade, tendo entrado por vezes em conflito com a moralidade convencional.

Em 1909, Gide foi um dos fundadores da revista literária *Nouvelle Revue*, que se viria a tornar bastante influente no meio.

Tornou-se o mentor de toda uma geração que, na sequência da Primeira Guerra Mundial, se preocupava em conciliar a lucidez da razão com as forças instintivas.

Com *Les Caves du Vatican*, de 1914, Gide foi pela primeira vez acusado de ser anticlerical. Um ano após a sua morte, em 1952, o Vaticano incluiu todas as suas obras no Índice de Livros Proibidos.

Entre 1920 e 1924, publicou as suas memórias, onde revelou a sua homossexualidade. Em 1925, lançou aquele que foi considerado um dos seus melhores romances, intitulado *Les Faux-Monnayeurs*, onde o protagonismo foi dado à juventude parisiense, inclusivamente através de homossexuais, delinquentes e mulheres adúlteras. André Gide passou entretanto a ocupar diversos cargos públicos, tanto a nível local como internacional. As suas deslocações ao Congo, Chade e União Soviética inspiraram alguns dos seus livros. Depois de se ter assumido como comunista, a visita à União Soviética deixou-o bastante desiludido e rompeu com o comunismo.

Entre 1939 e 1951, decidiu escrever e publicar os seus diários, onde falava de si e também dos seus amigos e de outros escritores.

Entretanto, em 1947 recebeu o Prémio Nobel da Literatura.

André Gide também escreveu peças de teatro no início do século XX e fez traduções de obras de William Shakespeare.

Fonte: <https://www.almedina.net/autor/andr-gide-1605706547>

*

Trailer do documentário “Avec Gide” com legenda em inglês (03’47”)

<https://www.youtube.com/watch?v=8seN8ggQiuM>

*

2. Um pouco mais sobre André Gide

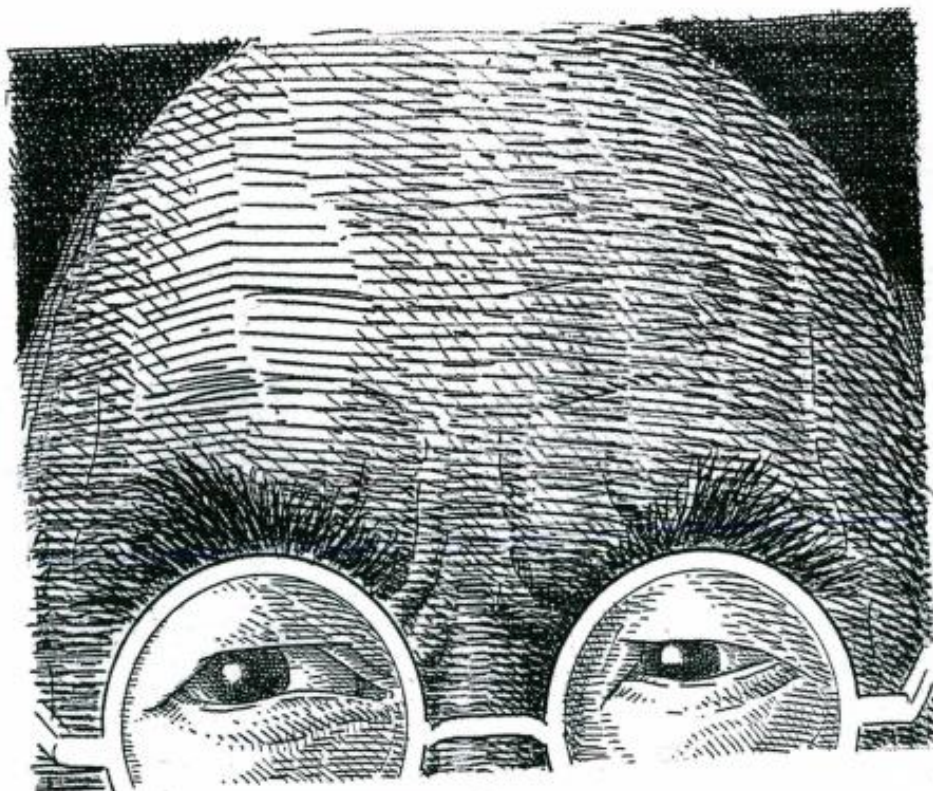
Fonte: Gazeta mercantil, Caderno Leitura de Fim de Semana, São Paulo, 10, 11 e 12 de setembro de 1999

Extraído da dissertação de mestrado *A recepção da literatura pela crítica brasileira: leituras da obra de André Gide*, de Laura Teixeira Miller, UFSC, orientadora Proa. Dra. Maria Marta Laus Pereira Oliveira, Florianópolis, 2001.

Os tempos de André Gide

Biografia, ensaios e correspondências reforçam a imagem

de um autor que deverá fincar os pés no século XXI



Marcelo Rezende
de Paris

Enquanto a cultura estava distraída com o mais novo escritor da moda, o francês André Gide parece ter-se aproveitado da situação para realizar sua conhecida trapaça com o tempo. Como já havia acontecido antes, ele é agora moderno, atraente, encantador, estranho, enigmático ou genial. O interesse é grande. Na França, sua correspondência com o romancista Georges Simenon, trazendo trechos de uma longa, inacabada e inédita crítica chegou no último dia 3 às livrarias. Ainda neste mês, seus "Ensaio Críticos" ganham a coleção da Pléiade, enquanto nos Estados Unidos circula a biografia "A Life in the Present", de Alan Sheridan. As chances de Gide contra o esquecimento, no século XXI, são imensas.

Hoje, quase não é preciso procurar por André Gide. Fatalmente ele acabará encontrando você, pois está dividido em partes iguais por variadas áreas de interesse. Seus textos são ao mesmo tempo clássicos para a academia e obras de formação juvenil (pelo menos entre os franceses ainda são). Seu nome está na restrita lista dos premiados com o Nobel e na de autores marginais. Pode ser visto como um hedonista ou um autor quase escravo do trabalho, uma dama ou um selvagem. Está morto há quase cinco décadas, e cada nova geração suspeita ter ainda algo a dizer sobre ele. Na verdade, cada um tem seu Gide preferido.

Na biografia em língua inglesa (há literalmente dezenas delas em francês e muitas apenas no primeiro tomo; em "gidemania", ingleses e americanos são ainda amadores), ele aparece na capa em seu momento doentamente "dândi". Barbudo, usando chapéu e roupas de um típico viajante aventureiro do final do século passado. Nada espantoso. Ele foi realmente uma figura do século XIX. Desajeitadamente simbolista, amigo do irlandês Oscar Wilde e frequentador de saraus. Burguês infeliz e deslocado, acreditava estar a vida, nas palavras do poeta Rimbaud, em outro lugar.

Mas, com Gide, nada é muito simples. Repentinamente, ele se transformou em alguém com os dois pés firmemente plantados no século XX. Autor e editor de sucesso reconhecido, enfrentando (a sua

maneira) duas grandes guerras, apertando a mão de Stalin, andando de automóvel, conhecendo os perigos de uma bomba atômica, ouvindo rádio. Quase teve tempo para Elvis ou o bambolê, e era o último sobrevivente de uma tribo em completo desaparecimento. E isso não o incomodava muito. Nas cartas para Simenon, Gide deixa evidente estar muito à vontade com o novo mundo.

André Gide morreu em 1951, aos 82 anos. Sua produção conta com mais de 50 volumes, entre romance, teatro, diários, escritos íntimos de todos os tipos, relatórios de viagens e, claro, cartas — ele escreveu milhares delas. Sua imagem, no período da morte, não estava mais ligada à rebeldia, e sim ao ajuste. Ocupava a posição de um grande patriarca, senhor das letras sempre disposto a ajudar os mais jovens. Assim, mesmo quando se tornou moda falar mal de Gide, muitos dos novos consagrados não podiam negar a influência de "Os Frutos da Terra" (1897), "Os Subterrâneos do Vaticano" (1914) ou "A Sinfonia Pastoral" (1920) em suas obras ou em suas vidas. Jean-Paul Sartre esteve ao lado dele, ouvindo conselhos; e mesmo um outro André, o furioso e radical Breton, o respeitava. Foi por intermédio de Gide que os surrealistas puderam editar poemas na prestigiosa editora Gallimard.

E, claro, há também uma grande mancha em sua carreira literária. André Gide, por muito pouco não termina entrando para a história pelos motivos errados. Quando fazia seu "métier" de editor, um dia recebeu um pacote com vários manuscritos de um mesmo autor. Não se deu nem ao trabalho de abri-lo, já que conhecia a fama do emissário: devasso, mundano, frívolo e inconsequente. O remetente era Marcel Proust, e os textos eram a primeira parte de "Em Busca do Tempo Perdido". Mandou devolver sem ler. Após ser publicado por outra editora, Gide finalmente leu Proust, e depois enviou a ele um dramático pedido de desculpas: "O maior erro, e o maior remorso que sinto".

Devasso, mundano, frívolo e inconsequente. A descrição usada para Proust se ajusta perfeitamente, na verdade, ao próprio Gide. Nascido em uma família protestante no meio de um país rigorosamente católico, ele sempre teve problemas com a moral. Os transtornos eram de ordem metafísica (a culpa, o perdão), mais do que práticas. Ele, homossexual, não pensava duas vezes diante de uma boa oportunidade erótica. Seu apetite literalmente atravessou

**Sans Trop de Pudeur -
Correspondance (1938-
1950)**

de Georges Simenon e André Gide

Omnibus, 230 págs., 85 francos

continentes, e um de seus alvos eram as colônias francesas no norte da África. Tinha um comportamento febril, impulsivo e ainda

assim se portava com extremo recato. Parecia querer guardar os prazeres para si mesmo, revelando somente partes de todo o quadro para os amigos. Suas cartas são um bom exemplo de seu jogo de esconde-esconde.

Em "Sans Trop de Pudeur - Correspondance (1938-1950)", suas conversas com Georges Simenon (1903-1989), o comportamento padrão não se altera. Simenon parece um pouco desesperado, enquanto Gide se mantém educadamente casual, em uma relação, para os dois, muito particular. Na definição da crítica local, a dupla era o bizarro encontro de contrários. Os dois tinham gostos e valores radicalmente opostos.

A nova edição das cartas (houve uma feita anteriormente, em 1973) traz 18 textos inéditos e uma atração adicional: apresenta um pouco do Leitmotiv de 90% de todas elas. Durante doze anos de correspondência, Gide contou do ensaio sobre a obra de Simenon que estava escrevendo. Em determinados períodos o assunto é esquecido. Em outros é retomado com grande impaciência. Muitas vezes o tom é de "estou quase terminando", mas o resultado nunca aparece.

Graças aos herdeiros de Gide, sobretudo sua filha Catherine (ele se casou com uma prima para agradar a mãe, mas ela nasceu de um relacionamento não muito explicado com uma amiga), agora já é possível conhecer um pouco do mítico texto. Ele não havia mentido; o ensaio estava realmente inacabado. O trabalho é uma coleção de fichas tratando dos romances escritos por Simenon. Ele os lia aos montes, e depois os relia, anotava, transcrevia trechos. Gide dizia estar procurando uma chave para a obra do amigo. Queria entender um mistério: por que, afinal, as histórias policiais de Simenon não são apenas histórias policiais?

Apesar de o título do volume ("Sem Muito Pudor"), e da fama de André Gide, quando alguém fala de sexo, este alguém é sempre Simenon. Na relação entre os dois há,

claro, uma hierarquia muito bem delineada. O jovem escritor belga está diante do mestre, e por isso sente-se deslumbrado, tem vontade de confessar tudo o que pensa e faz. Deseja uma palavra de apoio tanto para sua vida conjugal quanto para os personagens dos livros.

A situação cria tensão e humor involuntários. Simenon está, invariavelmente, sem fôlego, escrevendo cartas de 10, 15 páginas, cheias de dúvidas. Seu sofrimento quanto à carreira ou os personagens é explícito. As respostas de Gide, no meio de todo esse desespero, demoram, por vezes, meses. Quando chegam, ele praticamente nada diz sobre a carta recebida. Prefere reclamar da saúde, falar dos planos de viagem e tentar combinar um final de semana no campo. Mas, quando observações surgem, são, para seu interlocutor, inesquecíveis.

Durante toda a conversação, Gide vê em Simenon e suas criações o verdadeiro existencialista. Compara os livros deste aos de Albert Camus ou Sartre, e percebe não haver em Simenon qualquer tipo de afetação ou compromisso ideológico. Os crimes e suas motivações são, para ele, mais reais, concretos e dignos de respeito estético. Esse julgamento é o maior presente de Gide a Simenon, na amizade de anos. O primeiro deu ao segundo algo que não tem preço: respeitabilidade.

Antes de existir o selo de aprovação, o criador de o inspetor Maigret era visto com extrema desconfiança. Nada parecia indicar qualquer valor em sua literatura. Nem ao menos, para a crítica da época, tinha qualquer coisa a ver com arte. Simenon escrevia uma obra por semana. Uma média inacreditável. Quando morreu, havia produzido 220 romances assinados com seu nome, sem contar os pseudônimos. Quanto aos exemplares vendidos, o número chega a 550 mil

lhões, em 78 países. E escrevendo apenas duas horas por dia.

André Gide, com seus elogios e comentários, concedeu a ele um ou-

tro status que, naturalmente, foi convertido em autoconfiança. Mas havia o outro lado. Na posição de mestre, ele não pretendia deixar seu pupilo com muita ambição. Quando Simenon escreveu algo considerado "mais sério", distante das histórias policiais, Gide deu um parecer negativo na Gallimard, se comportando como o "editor supremo". Amizade, sim, mas certa-

A Life In The Present

de Alan Sheridan

Harvard, 752 págs., US\$ 35

mente outras preocupações vinham em primeiro lugar. O episódio terminou não gerando muitas mágoas. O relacionamento, não importando o preço a ser pago, deveria continuar honesto.

André Gide, nas fotos dos últimos anos, no mesmo período no qual Simenon era um de seus principais correspondentes, é o retrato ao inverso de sua imagem do início. Não há mais a saudável arrogância, ou a pose desafiadora, denunciando um comportamento quase predatório diante da vida.

Sentando em uma cadeira de balanços no jardim, ou com um gorro para se abrigar do inverno no escritório de casa, ele havia se tornado um simpático avô, alguém quase inofensivo. Seria mesmo assim? Como escreveu na última carta a Simenon, algo que talvez esclareça porque Gide ainda interessa tanto, "um resto de curiosidade me deixou entender que eu não estava ainda completamente acabado". ■

*

3. Resumo de *Os moedeiros falsos* (1925)

“Romance de um romance que se escreve”, como diria o protagonista. Com estilo notoriamente refinado e inovações que marcaram época, Gide prescinde da cronologia e estrutura narrativa tradicionais. Para tanto, Gide concebe um herói, o escritor Edouard, que lhe é muito próximo, e o contrapõe a Bernard Profitendieu, que a seu jeito é igualmente um personagem-modelo.

Os moedeiros falsos não são, para Gide, apenas os jovens que escoam dinheiro fraudulento, mas os falsários no espírito e na letra, todos os que vivem na mentira de sentimentos falsos.

<https://www.estacaoliberdade.com.br/livraria/moedeiros-falsos>

4. *Diários dos Moedeiros Falsos* (1927)

Raros são os escritores que mantêm um diário paralelamente ao livro que escrevem e o publicam em vida. É o caso de Gide com seu famoso romance da juventude perversa. Este Diário é o longo diálogo com seus personagens à medida de sua evolução, e nos permite, como se fosse um grande estudo introspectivo, sentirmos à perfeição o mecanismo criador, a argúcia crítica e a (des)construção narrativa do Prêmio Nobel 1947 em *Os moedeiros falsos*.

<https://www.estacaoliberdade.com.br/livraria/diario-dos-moedeiros-falsos>

5. Um pouco mais sobre o romance de Gide

“André Gide por Silviano Santiago”, Folha de São Paulo, 30 de setembro de 2009

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3009200707.htm>

São Paulo, domingo, 30 de setembro de 2007



[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

André Gide por Silviano Santiago

Clima de dança

O resumo de "Os Moedeiros Falsos" (1926), de André Gide, virou lugar-comum na crítica literária. O romancista escreve o livro que deveria ter sido escrito por Édouard, seu personagem. O romance inacabado de Édouard é apenas parte do romance acabado de Gide, mas ambos levam o mesmo título.

Por meio de Édouard, o romancista dramatiza os percalços e frustrações do escritor moderno.

O lugar-comum não revela o desígnio maior do projeto gidianiano. No embate entre a concepção e a realização da obra literária, sobressai a noção de sacrifício. Os impasses na criação sabotam a ambição do artista.

A escrita romanesca oscila entre o possível e o factível. É desastre. Abandonam-se anotações, projetos e planos.

Descobrem-se ou se redescobrem soluções pobres e rentáveis.

Afinal, a escrita romanesca é Ícaro: "Quis subir muito alto e contou demais com as próprias forças". É fracasso. Quando o crítico Guy Michaud comenta as primeiras páginas de "Os Moedeiros Falsos" escritas por Édouard, observa que o personagem está apenas "fazendo um pastiche de Gide".

Fracasso dos dois?

Por terem julgado que o resultado final se perde entre extremos, alguns críticos consideraram "Os Moedeiros Falsos" um romance fracassado ("manqué"). Gide reagiu: "Dizia-se a mesma coisa de "A Educação Sentimental", de Flaubert. O que hoje se deprecia no livro serão exatamente as suas qualidades". Comenta Claude-Edmonde Magny: "Não se estranhe que romancistas conscientes terminem sempre num beco sem saída".

Heráldica literária

Do ponto de vista retórico, a estrutura de "Os Moedeiros Falsos" se inspira -e desde 1891 Gide estava consciente disso- na composição de brasões. A peça de nobreza pode trazer no seu interior, em miniatura, o desenho global. O todo se confunde com a parte. A parte se confunde com o todo. Questão de perspectiva. Em heráldica, a técnica se chama "em abismo".

Em retórica pop, o procedimento se encontra na lata de aveia Quaker. Um religioso vestido a caráter mostra uma lata de aveia. Nesta, está estampado um religioso que mostra a mesma lata de aveia. E assim infinitamente.

A estrutura em abismo é comum nas obras de arte do Ocidente. Apenas os historiadores a desconheciam até a anotação de Gide no próprio diário íntimo. Lembremos alguns exemplos. "Hamlet", de Shakespeare, em que há uma peça dentro da peça, "As Meninas", de Velásquez, em que a pintura retrata o ato de pintar, e ainda "O Primo Basílio", em que o personagem Ernestinho escreve uma peça sobre adultério, em tudo semelhante à trama criada por Eça de Queirós.

Em todas as obras citadas ressalte-se um fascinante jogo de espelhos. Obras em aberto? Obras reduplicadas? Umberto Eco e Michel Foucault serão sensíveis a elas e semelhantes. Como disse Guimarães Rosa: "Através dos espelhos parece que o tempo muda de direção e de velocidade".

Os efeitos de profundidade não se encontram na narrativa intimista, em primeira pessoa, típica dos "romans d'analyse" (romances de análise psicológica), cuja tradição remonta ao célebre "A Princesa de Clèves" (1678). Advêm da multiplicidade de situações semelhantes, da repetição de uma mesma cena ou de um mesmo episódio e ainda de personagens análogos.

Nas duplicações operadas pelos espelhamentos, matizes distintos e enriquecedores da prosa aparecem ao leitor. A profundidade nasce dos reflexos de uma narrativa sobre ela mesma, de um personagem sobre ele mesmo, de um ponto de vista sobre outro semelhante. Enfim, a profundidade depende da repetição em diferença, como no romance "O Ciúme" (1957), de Alain Robbe-Grillet.

Charles Du Bos foi o crítico mais contundente dessa estética. Apelou à distinção entre "complexidade" (etimologia "plectere", tecer) e "complicação" (etimologia "plicare", dobrar), para chegar à conclusão de que o autor de "Os Moedeiros Falsos" não era um romancista complexo, apenas complicado. Cheio de dobras. Barroco, diria Gilles Deleuze. Uma visão menos parcial da questão nos é dada por Magny: "Uma vez mais, Gide manifesta essa "leveza" quase física, de que falou Ramon Fernandez, e a que ele próprio, em algum lugar, chama de sua "elasticidade". Depois dos contatos brutais com a vida, é ela que o faz recomeçar, sem nunca explorar a fundo -qualquer que seja a ocasião oferecida- as profundezas nas quais não conseguiu se manter."

"Aliás, uma parte do encanto de "Os Moedeiros Falsos" vem desse clima superficial, e Gide certamente desejou -entre outras coisas- escrever um romance dançante, saltitante, em suma, um romance-lúdico."

SILVIANO SANTIAGO é crítico literário, autor de, entre outros livros, "As Raízes e o Labirinto da América Latina" (ed. Rocco).

Nelson de Oliveira, Crítica, Folha de São Paulo, 19 de dezembro de 2009

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1912200917.htm>

São Paulo, sábado, 19 de dezembro de 2009

FOLHA DE S.PAULO

ilustrada

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

LIVROS

Crítica/"Os Porões do Vaticano"/"Os Moedeiros Falsos"

Clássicos modernos de André Gide resistem à força do tempo

Além de dois romances, Estação Liberdade lança diário e conto autobiográfico

NELSON DE OLIVEIRA

ESPECIAL PARA A FOLHA

Livros envelhecem e viram pó, não resta dúvida. A maior parte dos romances de vanguarda do início do século 20 desapareceu. Apenas uma pequena fração deles conquistou o direito à segunda vida. Da obra de André Gide (1869-1951), ao menos dois romances estão conseguindo resistir à força do tempo: "Os Porões do Vaticano" (1914) e "Os Moedeiros Falsos" (1925).

A Estação Liberdade está relançando, em nova tradução, esses dois romances. Com eles chegam também duas obras até agora inéditas no Brasil: "Diário dos Moedeiros Falsos", mantido durante os anos de redação do romance, e o conto "O Pombo-Torcaz" (1907), publicado na França meio século após a morte do autor.

Originário da alta burguesia e Prêmio Nobel de Literatura em 1947, Gide foi um dos autores mais controvertidos e influentes de sua época. Estão presentes em sua obra os conflitos morais e religiosos que o acompanharam ao longo da vida, alimentados pelo constante confronto entre sua homossexualidade e o moralismo dominante.

Gide não suportava a ideia de pertencer a uma escola literária. Porém, se conseguiu manter-se distante de uma escola em particular, não conseguiu fugir ao zeitgeist [o espírito do tempo]. No início do século 20 a vasta onda chamada modernismo ganhava força e altura.

Para romancistas como James Joyce, Alfred Döblin e Virginia Woolf era imperativo mimetizar a vida. Se a vida é desordenada, confusa e subjetiva, o romance também devia ser.

Enredo multifacetado

O satírico "Os Porões do Vaticano" e o metalinguístico "Os Moedeiros Falsos" romperam com a narrativa realista. Mas o

choque provocado por esse rompimento já foi totalmente assimilado, diluiu-se no tempo.

Gerações de escritores incorporaram, por exemplo, a "mise en abîme" (o procedimento do livro dentro do livro). Não há quase nada nos dois romances que ainda possa causar estranhamento aos leitores de hoje. Mundo volúvel. O que antes se mostrou confuso e desafinado, agora é o seu oposto: elegante e harmônico. Melhor para os leitores. Melhor para Gide, que conseguiu vencer a primeira barreira imposta pelo tempo.

Ataque à Igreja Católica

"Os Porões do Vaticano" ataca, pela via do cômico, a Igreja Católica e suas buscas pelo homem impossível, não erotizado, plenamente virtuoso e íntegro. "Os Moedeiros Falsos" amplia esse ataque pela via da reflexão moral, denunciando as adulterações da ideologia moderna. Em ambos está o problema central na obra de Gide: a falsificação. Onde outros viam apenas a verdade absoluta, o romancista enxergava uma ampla rede de verdades. Ele percebia as relações sociais quase sempre pervertidas pelos erros de comunicação, pelas moedas falsas da linguagem. Gide trata dessa rede de verdades também no "Diário dos Moedeiros Falsos", que dialoga com o diário de Édouard, o protagonista-romancista de "Os Moedeiros Falsos". Esse saboroso "caderno de estudos" mostra os bastidores da mente criativa do autor, ampliando as variadas reflexões reunidas nos romances.

Fechando o conjunto, um mimo editorial. "O Pombo-Torcz" é um conto erótico e autobiográfico, sobre o encontro amoroso de Gide com um jovem chamado Ferdinand, que "arrulhava" ao fazer amor.

Escrito numa época em que o homossexualismo era não apenas marginal, mas fora da lei, esse breve relato é uma delicada vitória do desejo e da liberdade sobre as falsificações.

NELSON DE OLIVEIRA é escritor, autor de "Ódio Sustenido" (Língua Geral), entre outros.

OS PORÕES DO VATICANO

Autor: André Gide

Tradução: Mário Laranjeira

Editora: Estação Liberdade

Quanto: R\$ 42 (256 págs.)

Avaliação: ótimo

OS MOEDEIROS FALSOS

Autor: André Gide

Tradução: Mário Laranjeira

Editora: Estação Liberdade

Quanto: R\$ 62 (424 págs.)

Avaliação: ótimo

DIÁRIO DOS MOEDEIROS FALSOS

Autor: André Gide

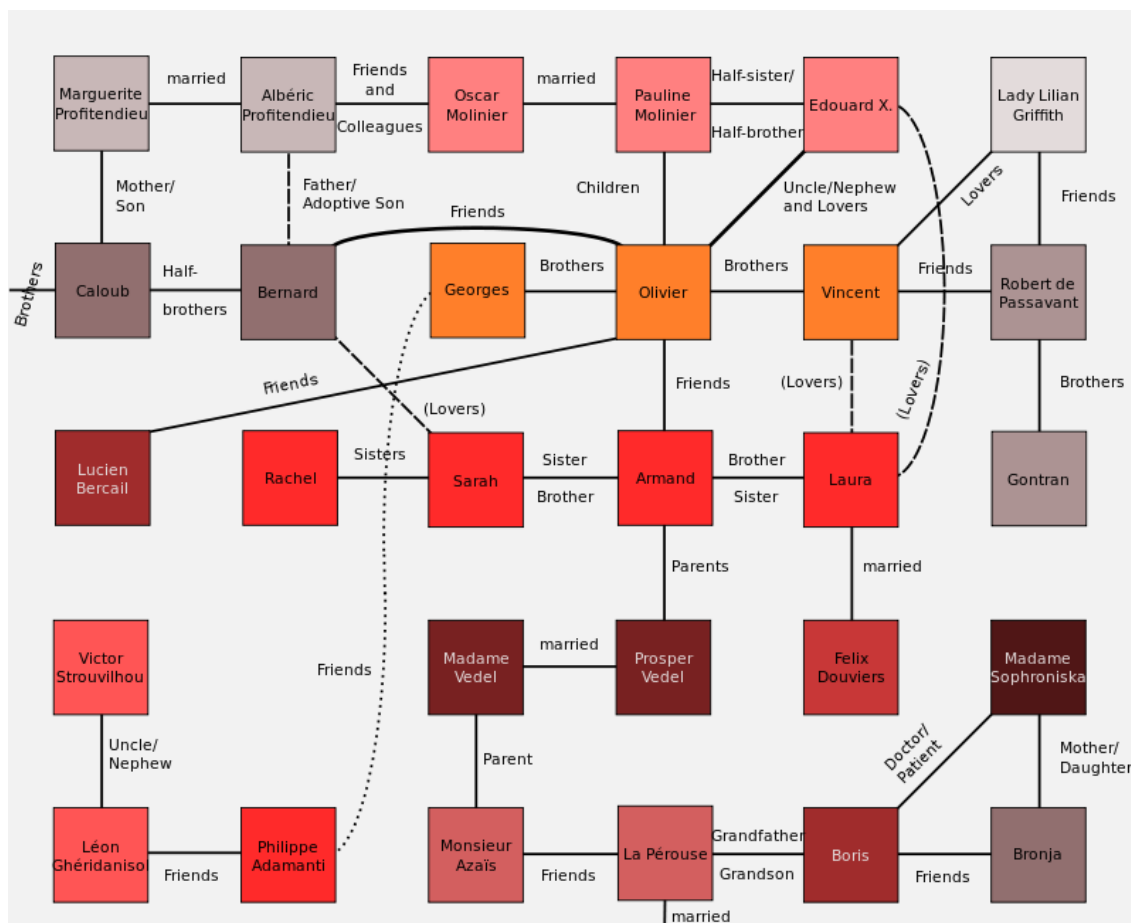
Tradução: Mário Laranjeira
 Editora: Estação Liberdade
 Quanto: R\$ 31 (144 págs.)
 Avaliação: bom

O POMBO-TORCAZ

Autor: André Gide
 Tradução: Mauro Pinheiro
 Editora: Estação Liberdade
 Quanto: R\$ 28 (96 págs.)
 Avaliação: bom

*

6. Relação de personagens de *Os moedeiros falsos*



*

7. A mise en abyme (projção ao abismo)

Entrada no Diário de Gide em 1893 retomada por Lucien Dällenbach para teorização sobre a mise en abyme e a narrativa especular

“Gosto bastante que em uma obra de arte se reencontre, transposto à escala dos personagens, o tema mesmo desta obra. Nada a esclarece melhor e estabelece mais certamente todas as proporções do conjunto. Assim, em alguns quadros de Memling ou

de Quentin Metzys, um pequeno espelho convexo e sombrio reflete, por sua vez, o interior do quarto onde se faz a cena pintada. Assim, no quadro *Meninas* de Velásquez (mas um pouco diferente). Enfim, na literatura, no *Hamlet*, a cena da comédia, e em tantas outras peças. No *Wilhem Meister*, as cenas de marionetes e da festa no castelo. Em *A queda da casa de Usher*, a leitura que se faz a Roderich, etc. Nenhum desses exemplos não são absolutamente corretos. O que o seria muito mais, o que diria melhor o que quis nos meus *Cahiers*, no meu *Narcisse* e na *Tentative*, é a comparação com este procedimento do brasão que consiste em colocar, no primeiro, um segundo ‘en abyme’” (DÄLLENBACH, 1979, p. 15).

Segundo Dallenbach, *mise en abyme* é “todo fragmento textual que mantém uma relação de semelhança com a obra que o contém”, funcionando como um espelho dessa obra.

The Money changer and his wife (1514), de Quentin Metzys





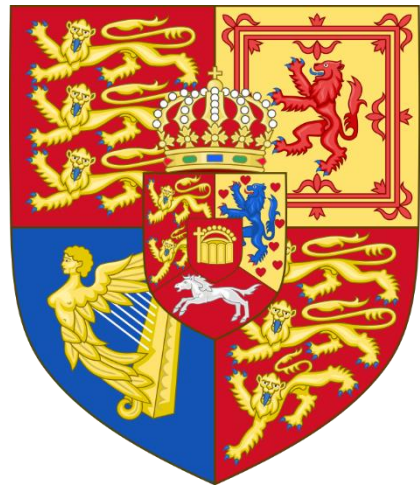
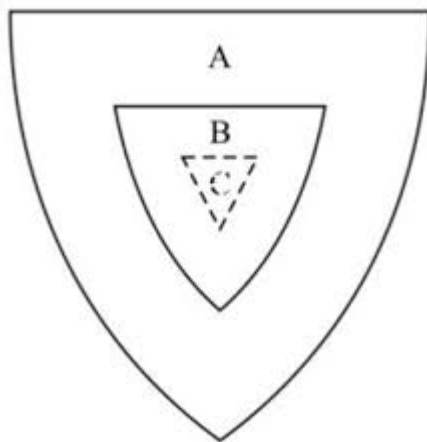
The Arnolfini portrait (1434), de Jan van Eyck





Las meninas (1656), Diego Vélazquez





*

8. Possíveis diálogos entre romance e diário (trechos selecionados)

Diário: Primeiro caderno, 16 de julho de 1919, p. 27

“Trata-se de juntar isso ao caso dos moedeiros falsos anarquistas dos dias 7 e 8 de agosto de 1907, – e à sinistra história dos suicídios dos escolares de Clermont-Ferrand (5 de junho de 1909). Fundir isso numa só e mesma intriga” (p. 27).

Romance: Capítulo XVIII, Terceira Parte, p. 415

DIÁRIO DE ÉDOUARD

“Sem pretender exatamente explicar nada, gostaria de não oferecer nenhum fato sem uma motivação suficiente. É por isso que não utilizarei para os meus *Moedeiros falsos* o suicídio do pequeno ***; já tenho bastante dificuldade para entendê-lo. E, além disso, não gosto das 'notícias policiais'. Têm algo de peremptório, de inegável, de brutal, de ultrajantemente real... Consinto que a realidade venha apoiar meu pensamento, como uma prova; mas não que o preceda. Desagrada-me ser surpreendido. O suicídio de *** mostra-se a mim como uma *indecência*, pois não esperava por ele.”

*

Diário: Primeiro caderno, 1º de agosto de 1919, p. 34

“Às voltas com nuvens por horas a fio. Este esforço de projetar para fora uma criação interior, de objetivar o sujeito (antes de sujeitar o objeto) é propriamente extenuante. E durante dias e dias não se distingue nada, e parece que o esforço permanece em vão; o importante é não desistir. Navegar durante dias e dias sem nenhuma terra à vista. Será preciso, no próprio livro, usar essa imagem; a maioria dos artistas, eruditos, etc... são navegadores de cabotagem que acreditam estar perdidos logo que perdem de vista a terra. – Vertigem do espaço vazio.”

Romance: Capítulo XIV, Terceira Parte, pp. 374-375

Bernard: – Debati isso a noite toda. Em que empregar essa força que sinto em mim? Como tirar o melhor partido de mim mesmo? Será dirigindo-me a um objetivo? Mas esse objetivo, como escolhê-lo? Como conhecê-lo, enquanto ele não for atingido?

Édouard: – Viver sem objetivo é soltar-se a esmo.

Bernard: – Temo que não esteja me entendendo bem. Quando Colombo descobriu a América, ele sabia para onde estava navegando? Seu objetivo era seguir em frente, em linha reta. Seu objetivo era ele, e que o projetava adiante dele mesmo...

Édouard: – Muitas vezes pensei – interrompeu Édouard, – que em arte, e particularmente em literatura, só contam aqueles que se lançam rumo ao desconhecido. Não se descobre terra nova sem consentir em perder de vista, primeiro e por muito tempo, toda terra firme. Mas nossos escritores têm medo do mar aberto; são apenas navegadores de cabotagem.

*

Diário: Primeiro caderno, 3 de maio de 1921, pp. 45-48

“Ontem, antes de ir à casa de Charles Du Bos, que só me esperava à 1h30, e tendo saído da casa de Dent antes do meio-dia – como eu estava esperando diante da vitrine dos livreiros, surpreendi um garoto que furtava um livro. Aproveitou um instante em que o livreiro ou pelo menos o vigia colocado em frente à loja virou de costas; mas foi só depois de ter enfiado o livro no bolso que se deu conta do meu olhar e compreendeu que eu o observava. Logo o vi corar um pouco, depois procurar por qual mímica hesitante poderia explicar seu gesto: afastou-se alguns passos, pareceu hesitar, voltou, depois ostensivamente e *para mim*, tirou de um bolso interno do casaco uma pequena carteira desgastada, onde fingiu procurar o dinheiro que ele sabia muito bem não estar lá; fez, ainda para o meu uso, uma pequena careta que queria dizer: ‘Não tenho como!’, meneou a cabeça, aproximou-se do vigilante vendedor e, o mais naturalmente que pôde, isto é, com muita lentidão – como um ator a quem se disse: ‘Você recita depressa demais’ e que se esforça para ‘dar um tempo’ – acabou por tirar o livro do bolso e por recolocá-lo em seu lugar de origem. Como sentisse que eu não parava de observá-lo, não se decidia a ir embora e continuava a fingir que se interessava pela vitrine. Creio que teria ficado ainda por muito tempo se eu não me tivesse afastado alguns passos, como faz no jogo de ‘quatro cantos’ o caçador, para fazer com que a caça mude de árvore. Mas, mal ele se afastou, alcancei-o:

– Que livro era aquele? – perguntei-lhe, com todo o sorriso que pude.

– Um guia da Argélia. Mas custa caro demais.

– Quanto?

– Dois francos e cinquenta. Não sou rico o bastante.

– Se eu não tivesse olhado para você, você sairia com o livro no bolso, hein?

O garoto protestou energicamente. ‘Nunca tinha roubado nada, não tinha vontade de começar, etc...’ Tirei do bolso uma nota de dois francos:

– Tome, pegue. Mas agora vá comprar o livro.

Dois minutos mais tarde, ele saía da loja folheando o livro que acabara de pagar: um velho *Joanne* encadernado em azul, de 1871.

– É velho à beça. Não lhe servirá.

– Oh! Sim; tem os mapas. A mim, o que mais me diverte é a geografia.

Desconfio que aquele livro favorecia um instinto de andarilho; converso com ele por mais um instante. Tem quinze ou dezesseis anos; está vestido muito modestamente com uma blusa parda manchada e gasta. Carrega debaixo do braço uma pasta escolar. Fico sabendo que está no liceu Henrique IV, na classe de retórica. De aspecto pouco atraente; mas lamento tê-lo deixado tão depressa.

A anedota, se eu quisesse usá-la, seria, parece-me muito mais interessante contada pelo próprio menino, o que permitiria por certo mais digressões e mais base.”

Romance: Capítulo XI, Primeira Parte, pp. 94-99

DIÁRIO DE ÉDOUARD

1º de novembro

Eu vinha voltando, de manhã, da casa Perrin, onde fora supervisionar o serviço de imprensa para a reedição de meu velho livro. Como o dia estivesse bonito, flanava ao longo do cais enquanto esperava a hora do almoço.

Um pouco antes de chegar diante de Vanier, parei perto de uma mostra de livros de segunda mão. Os livros não me interessaram tanto quanto um jovem estudante, de treze anos aproximadamente, que pesquisava as prateleiras em pleno vento sob o olhar plácido de um vigia sentado numa cadeira de palha na porta da loja. Eu fingia estar contemplando a mostra, mas, com o rabo dos olhos, eu também vigiava o garoto. Estava vestido com um sobretudo usado até o osso e cujas mangas muito curtas deixavam passar as do paletó. O bolso grande do lado permanecia aberto, embora se sentisse que estava vazio; no canto, o tecido havia cedido. Pensei que esse sobretudo já devia ter servido a vários irmãos, e que os irmãos e ele tinham o hábito de colocar coisas demais nos bolsos. Pensei também que sua mãe era muito negligente, ou muito ocupada, para não ter consertado aquilo. Mas naquele momento, tendo-se voltado um pouco o garoto, vi que o

outro bolso estava completamente remendado, de modo grosseiro, com uma linha preta grossa. Imediatamente, ouvi as admoestações maternas: 'Não ponha dois livros de uma vez no mesmo bolso; você vai acabar com seu sobretudo. Seu bolso está rasgado de novo. Aviso que da próxima vez não vou consertar. Veja com quem você se parece! ...' Todas as coisas que também me dizia a minha pobre mãe, e que eu tampouco levava em conta. O sobretudo, aberto, deixava ver o paletó, e meu olhar foi atraído por uma espécie de pequena condecoração, um pedaço de fita, ou antes, uma roseta amarela que o rapaz trazia na lapela. Anoto tudo isso por disciplina precisamente porque me aborrece anotá-lo.

Em dado momento, o vigilante foi chamado ao interior da loja; só ficou lá por um instante, depois voltou a sentar-se na cadeira; mas esse instante fora suficiente para permitir ao menino que enfiasse no bolso do casaco o livro que tinha na mão; depois, logo em seguida, voltou a pesquisar as prateleiras, como se nada houvesse acontecido. Entretanto, estava inquieto; ergueu a cabeça, notou meu olhar e compreendeu que eu o vira. Pelo menos, disse a si mesmo que eu podia tê-lo visto; não estava muito certo disso; mas, na dúvida, perdeu toda a segurança, corou e começou a entregar-se a pequenas manobras, em que tentava mostrar-se completamente à vontade, mas que denotavam uma extrema falta de jeito. Eu não deixava de olhar para ele. Tirou do bolso o livro subtraído; enfiou-o de volta; afastou-se alguns passos; tirou do interior do paletó uma pobre carteirinha desgastada, onde fingiu procurar o dinheiro que sabia não estar lá; fez uma careta significativa, um muxoxo teatral, para que eu visse, evidentemente, que queria dizer: 'Que chato! Não tenho com que pagar', com este detalhezinho a mais: 'Curioso, eu achava que tinha...', tudo isso um pouco exagerado, um pouco grosseiro, como um ator que teme não ser ouvido. Finalmente, quase posso afirmar: sob a pressão do meu olhar, aproximou-se novamente da prateleira, tirou enfim o livro do bolso e bruscamente colocou-o no lugar que ocupava antes. Isso foi feito de modo tão natural que o vigia não percebeu nada. Depois o menino ergueu novamente a cabeça, esperando agora estar quite. Mas não; meu olhar continuava sobre ele, como o olhar de Caim; só que meu olhar sorria. Eu queria falar com ele; esperava que ele deixasse o mostruário para abordá-lo; mas ele não se mexia e ficava preso diante dos livros, e entendi que ele não se mexeria enquanto eu o fixasse assim. Então, como se faz na brincadeira dos 'quatro cantos' para fazer com que a caça mude de lugar, afastei-me alguns passos, como se já tivesse visto o bastante. Ele se foi então pelo outro lado; mas, mal se afastara, eu o alcancei.

– Que livro era aquele? perguntei-lhe à queima-roupa, colocando entretanto no tom de voz e no meu rosto o máximo de amenidade que pude.

Ele me olhou de frente e senti sua desconfiança cair. Talvez ele não fosse belo, mas que bonito olhar ele tinha! Via nele toda espécie de sentimentos se agitarem como plantas no fundo de um riacho.

– Um guia da Argélia. Mas custa caro demais. Não sou rico o bastante.

– Quanto?

– Dois francos e cinquenta.

– Isso não impede que, se não tivesse visto que eu observava, você saísse com o livro no bolso.

O garoto teve um movimento de revolta, e, empinando-se, replicou num tom bem vulgar:

– Não, mas, de repente... o senhor me toma por um ladrão?... – com uma convicção que me fez duvidar do que tinha visto. Senti que ia perder o controle da situação se insistisse. Tirei três moedas do bolso:

– Vamos! Vá comprá-lo. Eu espero você.

Dois minutos mais tarde, ele saía da livraria, folheando o objeto de sua cobiça. Peguei-o das mãos dele. Era um velho guia *Joanne*, de 1871.

– O que quer fazer com isto? – disse, devolvendo-lhe o livro. É velho demais. Não pode mais servir.

Protestou que sim; que, aliás, os guias mais recentes custavam muito caro, e que, 'para o que faria com ele' os mapas daquele poderiam perfeitamente lhe servir. Não busco transcrever aqui suas próprias palavras, pois perderiam seu caráter, despojadas do extraordinário sotaque de subúrbio que ele colocava e que me divertia tanto mais porque suas frases não eram sem elegância.

Necessário abreviar muito este episódio. A precisão não deve ser obtida pelo detalhe da narrativa, mas sim, na imaginação do leitor, por dois ou três traços, exatamente no lugar certo. Creio, além do mais, que haveria interesse em que tudo fosse contado pela criança; seu ponto de vista é mais significativo do que o meu. O menino é ao mesmo tempo acanhado e lisonjeado pela atenção que dou a ele. Mas o peso do meu olhar falseia um pouco a sua direção. Uma personalidade ainda bastante tênue e inconsciente se defende e se oculta por detrás de uma atitude. Nada é mais difícil de observar do que os seres em formação. Seria preciso poder observá-los apenas de viés, de perfil.

O garoto declarou de repente que 'aquilo de que mais gostava' era 'a geografia'. Desconfiei que por trás desse amor se dissimulava um instinto de vagabundagem.

– Você gostaria de ir lá? – perguntei-lhe.

– Claro! – fez ele levantando um pouco os ombros.

Aflorou-me a ideia de que ele não era feliz junto dos seus. Perguntei se vivia com os pais. ‘Sim.’ E se não gostava de estar com eles. Protestou molemente. Parecia um pouco preocupado por ter-se exposto demais havia pouco. Acrescentou:

– Por que o senhor está me perguntando isso?

– Por nada – disse-lhe logo; depois, tocando com a ponta do dedo a fita amarela de sua lapela: – O que é isso?

– É uma fita; o senhor está vendo.

Minhas perguntas manifestamente o importunavam. Voltou-se de modo ríspido para mim, quase com hostilidade, e num tom zombeteiro e insolente, de que nunca o teria julgado capaz, e que de fato me descompôs:

– Diga lá... acontece com frequência de o senhor abordar os estudantes?

Depois, enquanto eu balbuciava de modo confuso algum simulacro de resposta, abriu a pasta escolar que trazia debaixo do braço, para nela guardar a sua compra. Ali se encontravam livros de aula e alguns cadernos encapados uniformemente com papel azul. Peguei um, era o de um curso de história. O pequeno havia escrito, na capa, o nome dele em letras grandes. Meu coração saltou reconhecendo ali o nome de meu sobrinho:

GEORGES MOLINIER

*

Diário: Segundo caderno, Cuverville, 1º de novembro de 1924, p. 102

“A vida nos apresenta por todos os lados numerosas maneiras de começar dramas, mas é raro que estes prossigam e se desenhem como costuma desfiá-los um romancista. E aí está justamente a impressão que eu gostaria de dar nesse livro, e o que farei Édouard dizer.”

Romance: Capítulo XII, Terceira Parte, p. 357

DIÁRIO DE ÉDOUARD

"Entregues os pertences de Olivier. Logo ao voltar da casa de Passavant, trabalho. Exaltação calma e lúcida. Alegria desconhecida até hoje. Escritas trinta páginas de *Os Moedeiros falsos*, sem hesitação, sem rasuras. Como uma paisagem noturna ao clarão súbito de um relâmpago, todo o drama surgiu da sombra, muito diferente daquilo

que eu em vão me esforçava por inventar. Os livros que escrevi até agora me parecem comparáveis àqueles lagos de jardins públicos, de contornos precisos, perfeitos talvez, mas onde a água cativa está sem vida. Agora, quero deixá-la correr segundo o declive, ora rápida, ora lenta, em meandros que me recuso prever.

X... afirma que o bom romancista deve, antes de começar seu livro, saber como esse livro acabará. Para mim, que deixo o meu seguir à própria sorte, considero que a vida nunca nos propõe nada que, tanto quanto uma conclusão, não possa ser considerado um novo ponto de partida. 'Poderia ser continuado...' é com essas palavras que gostaria de terminar *Os Moedeiros falsos*."
